

Dossiê

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA: ALGUNS OLHARES

APRESENTAÇÃO

Maria Luiza Heilborn

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: mlheilborn@pq.cnpq.br

Este é um dossiê com cinco artigos, que abordam o tema da homossexualidade feminina no Brasil. Trata-se de assunto pouco explorado, sobretudo quando comparado ao montante de estudos e análises sobre a homossexualidade masculina no país. Atualmente, ele começa a se constituir como conjunto mais denso de reflexões no âmbito da produção sócio-antropológica.

Em levantamento realizado nas ciências sociais brasileiras até 2002, Maria Teresa Citeli (2005) assinala que, no conjunto de 60 trabalhos sobre sexualidade por ela examinados, abrangendo aspectos concernentes às identidades feminina e masculina, orientação sexual e pertencimento étnico, somente dois artigos se debruçaram sobre o universo lésbico. Nos últimos anos, o crescente interesse acompanha a maior visibilização das chamadas sexualidades alternativas, dos movimentos sociais que envolvem mulheres homossexuais, além de sinalizar a existência de um cenário de maior aceitação social da homossexualidade e de flexibilização das identidades de gênero.

Nos estudos pioneiros sobre sexualidade no Brasil, entre os quais alinham-se Guimarães (2004), Fry (1982) e Fry & Macrae (1983), já se sublinhava a importância de se correlacionar as representações em torno da sexualidade com o quadro social mais amplo, em especial, com as configurações do contexto político. Como comenta Aguião neste dossiê, “olhando para a arena dos movimentos políticos identitários, assistimos à progressiva especificação de novas identidades homo-orientadas e a incorporação de novos grupos ao movimento homossexual”.

Questões comuns atravessam os artigos aqui presentes, como as maneiras de autoclassificação, que iluminam as formas de concepção dos nexos entre orientação sexual e gênero. Tal modo de caracterização, por seu turno, está intimamente articulado à apresentação de formas identitárias, ainda que elas possam se apresentar de modo bastante fluido, de acordo com o contexto. A performance sexual, como elemento passível de ser – ou não – estruturante das identidades, também é aqui contemplado, evidenciando a relevância deste tema. O primeiro artigo apresentado, de Facchini, se detém sobre observação etnográfica em locais de frequência de “mulheres com práticas homoeróticas”, entre os anos de 2003-2007, além de material proveniente de um conjunto de 36 entrevistas em profundidade com mulheres de 18 a 50 anos, residentes na Grande São Paulo. A seleção das entrevistadas, segundo a autora, buscou a maior diversidade possível em termos de idade, inserção socioeconômica,

trajetória afetivo-sexual e classificações relativas à sexualidade. As interseções entre os diversos eixos de diferenciação, em especial gênero, sexualidade, classe e idade, são exploradas, de modo a possibilitar uma análise das categorias classificatórias acionadas em torno da temática da sexualidade. Facchini discute, a partir deste amplo material, a existência e disputa de diferentes sistemas de classificação da sexualidade, tornando o universo de mulheres com práticas homoeróticas altamente diferenciado.

Almeida e Heilborn se dedicam a um universo mais delimitado, em análise sobre mulheres ativistas e a assunção da identidade lésbica. A afirmação pública da homossexualidade, embora interpretada pelas entrevistadas como via do orgulho e da satisfação, também foi descrita como é mediada por diferentes processos de exclusão. Para as autoras, a identidade constitui um eixo central no diálogo atual das lésbicas com o Estado, o que tem possibilitado a construção de um movimento social com características autônomas, capaz de expressar demandas específicas. Neste contexto, cada vez mais se configura um processo de segmentação das identidades, dado que converge com o estudo de Facchini.

Carrara & Ramos (2005), ao analisar dados da Parada do Orgulho GLBT no Rio de Janeiro, em 2004, verificaram que a frequência de categorias utilizadas como autoidentificação para as mulheres homossexuais concentrou-se em “lésbica” (68,5 %) e “entendida” (15%). Se de um lado observa-se a disseminação da primeira categoria entre aquelas interrogadas pelo *survey* realizado durante o evento, o que caracteriza certo grau de adesão à publicização da identidade sexual, por outro lado, consideradas as declarações de homossexuais masculinos, salienta-se que a escolha pela categoria de entendida permanece com algum vigor entre as mulheres. Como a literatura precursora já havia salientado, a atual persistência da categoria “entendido(a)” correlaciona-se a contextos de estigmatização e discriminação, nos quais seria preciso manter uma espécie de código, compartilhado somente por integrantes de uma determinada rede. Esta forma de autodenominação permanece com vigor entre mulheres pertencentes a setores populares ou de baixa classe média e moradoras de determinadas áreas da cidade do Rio de Janeiro como o demonstram os artigos de Lacombe e Aguião.

Lacombe etnografa a experiência de um boteco carioca onde as mulheres controlam a cena da sociabilidade. Ela descreve os mecanismos de controle, inclusão e exclusão dos frequentadores desse espaço, assinalando um jogo de inversão entre masculinidades alternativas e hegemônicas, no qual o sexo anatômico dos sujeitos ali presentes desempenha relevante papel. Há, assim, uma divisão entre *estabelecidos* e *outsiders*. Em nível mais amplo, a partir de cada subdivisão estabelecida – gênero, inserção social, orientação sexual e sua exteriorização, entre outras – todos os frequentadores daquele espaço podem ser categorizados como *outsiders*: mulheres, de camadas populares, subempregadas ou desempregadas, lésbicas e masculinas.

Aguião comparece com uma etnografia de um circuito do subúrbio carioca GLS, em que analisa como as categorias de classificação são acionadas para definir os sujeitos homoeroticamente orientados. Ela aponta que os eixos classificatórios e as categorias são manipulados e articulados a outras clivagens, e mostra como se organizam e dão sentidos a determinadas esferas da vida social. Assinala, por exemplo, que cor/raça não parece se constituir como elemento importante, no processo de seleção de parceiros/as. Busca resgatar “a profusão de nomações, gêneros e estilos em circulação” ao sabor das orientações que Perlongher (1987, p. 208) utiliza, para descrever o uso ou não da categoria “entendida”, nesse espaço social. Mais do que a permanência do uso, chama a atenção a relevância e o modo como o eixo atividade/passividade é configurado para definição das categorias de gênero, que se articulam às de orientação sexual.

O artigo de Moraes traz a narrativa de mulheres, sobre relações afetivo-sexuais, que envolvem mulheres heterossexuais, homossexuais e bissexuais. A orientação sexual, portanto, não é elemento de definição da identidade das entrevistadas. Para a autora, as entrevistas das que se definem em interação homossexual, em muito se aproximam dos discursos de mulheres autodefinidas como heterossexuais. O elemento em comum que as aproxima é a dimensão relacional da atividade sexual, como elemento considerado constitutivo da experiência do feminino. Nesse artigo, apresentam-se nuances dessa ideia geral, mostrando que, de acordo com a idade, classe, trajetória afetiva e sexual, o significado atribuído à “relação” adquire contornos particulares, tornando possível a apresentação de diferentes projetos afetivos e sexuais por parte das mulheres.

Por um lado, os artigos aqui apresentados evidenciam uma crescente segmentação das identidades das mulheres homossexuais investigadas, configurando um processo de apagamento das outras categorias. Por outra perspectiva, cada vez mais se afirma a transitoriedade e fluidez das classificações identitárias. De acordo com o contexto, com as circunstâncias, com as possíveis interações afetivo-sexuais e com os eixos classificatórios de referência, novas formas de classificação são possíveis, engendrando distintos posicionamentos. Conforme referido, trata-se de um campo de investigação promissor, que merece atenção, por ser profícuo e capaz de ensejar análises sobre os nexos entre questões usualmente tão entranhadas, como sexualidade e gênero, raça, inserção social, entre outras, como bem demonstram as reflexões aqui publicadas.

Referências

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Silvia. *Política, direitos, violência e homossexualidade: Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CITELI, Maria Teresa. *A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002): revisão crítica*. Rio de Janeiro: Cepesc, 2005. (Coleção Documentos; 2)

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: *Pra inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982.

_____; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

GUIMARÃES, Carmem D. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2004.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.